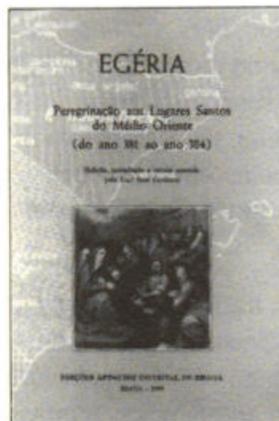


Na apresentação
de «*Peregrinação aos Lugares Santos
do Médio Oriente*» de Egéria •
João Lobo



Como nos conta Aquilino Ribeiro na sua obra *Os Avós de Nossos Avós* para o romano, o mundo dos prodígios ficava a ocidente.

Esta tradição ancorada nos interstícios da memória, descia dos longes, no conduto dos escritores gregos, escorada em Platão, o qual recolhera no Egipto o luzeiro esplendoroso de um velho sacerdote de Sais, que, alçado aos portelinhos de múltiplos saberes, lia nas fundas trevas do passado como num livro aberto.

* Sessão promovida pela Biblioteca Pública de Braga, em 15 de Abril de 1999.

Segundo esse fantástico relato, uma noite medonha teria bastado para subverter nos fundos abismos do mar a grande ilha que se estendia para lá das Colunas de Hércules, para a par da Hispânia, rica como nenhuma outra, adiantada nas ciências e nas artes, gososa e farta de felicidade.

Este lastro de obscuro maravilhoso, eivado de medonhas visões cataclísmicas, caldeadas de fabulosos mistérios, há-de ter rasgado os olheiros da alma dos antigos, emergido incessantemente na sua densidade anímica, fundamente excitado o seu pensamento.

Na cadeia milenária, estes limbos placentários, mais ou menos toucados de mito, não podem manter-se arredios à diagnose de quem somos. Elemento potencial de energia atávica, no caminho ronceiro da História, hão-de ter contribuído aqui e ali, como força impulsionadora, elemento de um pensamento aventureiro e visionário, para alimentar os drenos mais profundos da energia psíquica do velhíssimo íncola da Ibéria. Nesses tempos primievos, talhados pela fereza do chucho e da maça, para cá do Ebro e do Jalon, para o romano e o cartaginês, tudo eram trevas. E trevas mais densas e fundas hão-de ter sido aquelas em que a consciência do íncola primitivo, por toda a parte ocidental da Ibéria – *Extremis terris* lhe chama Egéria – andaria mergulhada.

Para além dessa longínqua tradição já perdida, desse «*el dorado*» desconhecido, essa proto-consciência gregária via-se agora cerceada no seu fulgor despertativo pelos perigos e infindas lonjuras do mar. É crível que os povos primievos, mais tarde adregados nas províncias romanas da Galécia e da Lusitânia, isolados no Ocidente Ibérico, enclavinados nos cerros, forcejando já aqui e ali, por entre fundos vales umbrosos, os primeiros labores agrícolas, acossados a leste pelos povos belicosos da Meseta, guardassem no mais fundo da consciência um fulgor de imaginação que os apendoava à saudade desse vasto e doce paraíso perdido. Limitados na sua capacidade de expansão, os avós de nossos avós hão-de ter sentido a necessidade de se acolherem a um mundo visionário e brumoso, povoado de lendas e encantamentos que, no sedeirinho da consciência, lhes desdourava a razão.

Terra avessa ao pequeno maravilhoso nunca a Ocidente haviam nascido deuses. E o romano que trouxera a todos o senso prático e a lei da razão; que introduzira entre os povos novos eixos sobre os quais rolava o sistema

do mundo, destruíra pelo saque e pelas grilhetas da servitude o fundo radical desse fascínio, desse fantástico maravilhoso, desse impulso primordial para a aventura e para a busca do desconhecido.

Enclavinado entre as duríssimas condições da existência, sufocado pela canga pesadíssima do opressor, com o Império a esboroar-se e o caos a invadir-lhe o cercado, nesses tempos primeiros, o avô longínquo há-de ter arrancado à sua alma mais funda um largo desejo de redenção e de paz.

Era agora, a Oriente, por entre os largos caminhos do mundo, junto às grandes serras fulvas e silenciosas, resplandentes de tanta harmonia e doçura, que se revelava um novo mundo, que se recebia o conhecimento verdadeiro da Nova Lei – da Lei de Jesus.

Tudo era agora um apelo ao esquecimento de si, à tendência para servir os outros, à paciência com o trabalho, à resignação com a miséria, ao amor pelas crianças, pelos pobres e pelos animais; à prontidão em socorrer, à efusão em dar, à humildade, à benquerença por tudo o que vive, ao amor pela natureza universal.

Um novo templo branco e silencioso, feito de virtudes dos homens, ungido de aura divina, exilava o ocidental dos mitos frustes da Atlântida, induzia-o a partir de si, expatriava-o na busca de uma nova ordem, de um novo mundo. Para além da miséria, de todas as honras e grandezas, talhada dos infinitos mistérios dos tempos, era agora possível, do mais humilde ao mais poderoso, pelo exemplo edificante arrancado do fundo da consciência, aberta à aura divina, tornar-se participante da doce apoteose na corte celestial.

E a fé numa paz propícia que pudesse serenar toda a funda agitação, todo o sofrimento e toda a dor, há-de ter começado a percutir na alma do ocidental com a segurança e o fulgor de uma espada que poderosamente brilha.

Nesses séculos de vasta opressão – com o Romano cúpido a jungir a cerviz do Brácaro altivo – mas também de negro breu, com hordas bárbaras às portas incertas do Império, nesse tumultuoso caldear de culturas que se adivinhava, nessa efusão onírica de mitos e ilusões, uma nova consciência sedimentada de outros valores, do despertar de outras visões,

do brotar de novas crenças, há-de ter abalado a consciência pulsátil e barbaresca do ibero.

Fremente e incerto, o mundo ameaçava derruir. No fundo da consciência, crepitanes, acantonavam-se, acicatados pelas hordas bárbaras, novos símbolos, novos reservatórios do sentir e do pensar.

Espartilhado entre o transmundo inacessível e as hordas desconhecidas que se acantonavam no *limes* de um império que soçobrava, de uma ordem que derruía, um novo mundo salvífico, que abria portas para a infinitude da graça divina, desvelava-se em magnitude à consciência dos homens. As chaves dessa irrealidade desejada, doce e distante, tinha-as deixado um Menino, todo Graça e Amor, no fundo sumidouro do coração dos homens.

E o Menino, depois feito Homem, de sua alta e sereníssima talha divina, mostrara que nos imensos itinerários da vida e dos mundos, pela renúncia, pela fé, pela suprema dádiva, era possível a redenção. Ainda hoje, São Cristóvão, esse gigante que é toda a Humanidade acolhida em símbolo, o aconchega ao peito, numa fusão de tantos séculos, como esperança maior de salvação.

Nessa longínqua noite cataclísmica que se há-de ter iniciado a partir dos terceiros e quartos séculos da nossa era, medonha e tenebrosa, uma aura lustral de alba plena, suavemente, descia sobre o coração dos homens. E atraía-os como um bálsamo doce, libertador do sofrimento e da contingência da condição. As consciências desesperavam; o tempo era de contrição. Uma nova atmosfera mental que impregna tanto como a dos fluidos mareava agora na consciência dos povos. Alguns exilavam-se para dentro de si mesmo, distanciados dos povoados, reduzidos ao fino crisol do pensamento e da meditação; muitos, isolados de todos, retiram-se para os coroados dos montes, refugiados em covais e fundas alcufurras. Outros, mais a Oriente, impulsionados pela ferocíssima perseguição desencadeada por Diocleciano acorrem à Nítria e à Tebaida, acolhem-se nas terras magras e secas do Alto Nilo, refugiam-se nos ascetérios, na busca de estados imaculados, do supremo bem da santificação. São os Solitários: São Paulo, Santo Onofre, Santo Antão, Eulógio, Pacómio, Pafnúcio e tantos outros! E a virtude, brotando vivaz de fundos e adormecidos veios, fartamente florescia. As vidas dos numerosíssimos homens e mulheres

oferecidas integralmente à obra divina, cujo expoente máximo é a *Vida de Santo Antão*, escrita por Santo Atanásio, bispo de Alexandria, concitam o ocidental a encontrar novos luzeiros no vasto arraial interior, impelem-no ao encontro do novo mundo. Alguns, porém, não lhes bastava a renúncia extrema, a penitência austera, exemplo que mitificava. Rejeitando a solidão total decidiram abalar pelos caminhos, multiplicando nos múltiplos aspectos da vida, a bondade do Menino, os ensinamentos do Mestre, numa síntese feliz que, dois séculos afora, se haveria de densificar na sábia orientação Beneditina: *ora et labora*. A mesma crise de fascinação mundanal, a mesma admiração, o mesmo desejo de pulcritude e de mansidão que também entre nós, em período inferior a um século, recentemente, nos trouxe obras de arte tão belas e admiráveis como as *Lendas de Santos* e o conto *O Suave Milagre*, de Eça de Queirós ou *São Banaboião Anacoreta e Mártir*, do grande Mestre Aquilino Ribeiro.

Longe estavam ainda os Cavaleiros do Templo, que, depois, – sabe-se agora – desenvolveram o seu múnus aqui bem perto, na freguesia de Cervães, do concelho de Vila Verde, as ordens mendicantes, os Hospitalários – igualmente com acção marcante em várias freguesias daquele concelho – que desterritorializaram mais fundamentalmente o lastro anímico do europeu ocidental. E esse fervor, misto de curiosidade, de busca de paz e de salvação, desde cedo emergiu nas terras bravas da velha Lusitânia e dos Calaicos. Não é desses tempos de alvoreço e de fé, dessa correnteza de pensar e de sentir a Ocidente, o nosso egitanense São Dâmaso que, no século IV se haveria de tomar Papa? E não é também desses tempos primeiros, fundos tempos que cabouaram o nosso denso lastro anímico, que Paulo Orósio presbítero bracarense escreveu e enviou a Santo Agostinho o célebre *Commonitorium* em que o consultava a propósito do prescilianismo, do origenismo e de outras doutrinas ao tempo consideradas heréticas? Outros mistérios, mais altos e mais vastos que os de Eléusis, chamavam os homens feros e bravos ao seu encontro. Alguns, ainda, mais práticos, mais activos, procurando a divinização pelo real, imersos no manto áspero da vida, metem-se a marchas para Oriente. Os exemplos das suas vidas chegaram até nós, desses tempos longínquos, como símbolos verdadeiros ou crenças irreais – tanto vale – ungidos dessa luta titânica entre o pecado e a virtude, o mundo e o transmundo, a cedência e a fé, a vida como compromisso absoluto com o desinteresse, a devoção e a oração.

É a obra de uma mulher que, tudo o indicia, era bracarense ou, pelo menos do *Conventus Bracaraugustanus*, numa tradução primorosa do latim corrente tardio, pela primeira vez vinda a lume em Portugal, que não em português, que o Dr. José Cardoso agora nos permite conhecer¹. De Etérea, conforme refere o Dr. José Cardoso, nos seus *Opúsculos*, II volume, temos notícias através de São Valério, nascido em Astorga em data incerta (provavelmente pelos anos 623-625) do século VII.

Foi através da *Carta em louvor de Etéria* dirigida aos Monges de Bierzo, situado na diocese de Astorga, publicada já este século em Bruxelas e em Paris, que se tornou possível identificar a autora do *Itinerarium*.

Dirigida àqueles monges em género homilético, exortativo, de assumida intenção apologética, lido, estudado e analisado detidamente pelo também autor da *Vida (do nosso) de S. Frutuoso*, julgamos não andar longe da verdade se partirmos da ideia que a religiosa Etéria há-de ter sido considerada na *Vitae Patrum* colaça de rútila grandeza na árvore hagiográfica pragmática e patrística que nesses tempos primeiros há-de ter florescido nas recolhidas comunidades monacais do ocidente peninsular.

Etéria, na opinião autorizada de H. Pétré, acompanhada do presbítero Avito, de Braga, que fazia parte do seu séquito, viaja num tempo histórico em que o Império Romano do Ocidente se debate já nos estertores da agonia. A época é de fundas incertezas e sobressaltos permanentes. A autoridade, até então centralizada na figura do Imperador, deslegitima-se, desaparece como centro regulador e torna-se a emanção aonde todos os vícios e baixezas ancoravam. Santo Ambrósio, Bispo de Milão, trava então, recorde-se, luta tenaz contra os heréticos arianos (auxiliados pelos imperadores romanos), combate os valentinianos. Encontramo-nos no tempo em que Ambrósio rijamente se empenha na renovação da liturgia dos mistérios e na introdução de novos hinos litúrgicos que conduzissem a uma nova união religiosa. É desse período cataclísmico que tudo destrói e anula, dessas vésperas de trevas que entre os escombros apenas deixavam no coração dos homens, gerecente de humanidade, o luzeiro enigmático do amor, que nos fala Paulino na *Vida de Santo Ambrósio* também primorosamente vertida para vernáculo pelo Dr. José Cardoso.

E certamente só à luz da hinologia ambrosiana e das reformas litúrgicas introduzidas pelo santo Bispo de Milão, só à luz da radiação espectral de

uma nova liturgia dos mistérios por este empreendida, se tornará possível melhor compreender os rituais litúrgicos, a entoação de hinos e antífonas, as poderosíssimas imagens sonoras tão profusamente narradas nos actos litúrgicos que ao tempo da visita, como nos relata Egéria, eram tão intensamente observados nos Lugares Santos.

O *Itinerário de Egéria*, descoberto nos finais do século XIX, perdido o demais, começa quando esta chega ao Monte Sinai. E logo neste passo, pelo seu magnífico estilo descritivo, que prima – como refere o Dr. José Cardoso – pelo colorido, pelo visualismo e realismo, Egéria procura que os seus leitores vivam intensamente a sua intensa e deslumbrante experiência.

Por ela somos levados ao Vale *el-Ráha*, no Sinai, onde os filhos de Israel permaneceram enquanto Moisés, escalando a montanha sagrada, aí se deteve durante quarenta dias e quarenta noites.

Com ela subimos ao monte que fica «*no meio de todos eles*» e em cuja cimalha fica o sítio onde sobre Moisés desceu a majestade de Deus.

Por ela ficamos a saber, dando testemunho da sua fé, como no caos pasmoso do Sinai santamente viviam os santos monges. E por entre o pinturesco da descrição entrevêem-se, saídos de covas rasas como sepulcros, intonsos de barba e cabelo, bordão à frente a tactear, alguns Veneráveis Solitários; lobrigamos, por entre as anfractuosidades do monte, enclavinadas nos pendores, choças dos eremitas meias soterradas no solo, das quais se exalava um fumo lácteo, vagarozinho, como húmus fecundo levantado da terra; e à luz brava do sol do meio dia, vermelho e vasto, entre os pequenos pomares ou no fabrico da terra que tornaram arável, com olhos amoráveis, e mais infinito no olhar que uma noite mansa sem estrelas, alguns desses atlantes da virtude e edificação que piedosamente a levaram à cumeada donde, como diz Egéria, se avista, aos pés, o Egipto, a Palestina, o Mar Vermelho, o mar Parténico e os territórios infundáveis dos Sarracenos que, três séculos afora, talaram a gume de cimitarra a multiplicidade de povos acolhidos nos carrapitos dos nossos montes, nos côncavos dos nossos vales ou nas úberes cortinhas frumentais.

E foi ainda pela mão fremente dos anacoretas, revelado pelos seus olhos cansados, como fontes sem água, que Egéria nos diz ter visitado o Monte Horeb onde Elias, o profeta, se escondeu e construiu o altar de pedra para

oferecer a Deus os seus sacrifícios. E que surpresa fantástica se nos depara quando Egéria nos revela ter visitado o local onde permanecera o Santo Aarão, com os setenta anciãos, enquanto Moisés recebia do Senhor a Lei; a sarça ardente que – segundo relata – «até ao dia de hoje *viva é*»; sarça que viu e que diz ter encontrado «*num horto que tem água a jorros de excelente qualidade*»; o sítio onde se fabricou o bezerro de ouro, assinalado por «*um padrão de pedra de grandes dimensões*» que se manteve erecto até à data da visita; a platibanda donde, à luz indecisa, Moisés observou por entre torvos horizontes de granito, os dançares dos filhos de Israel durante os dias em que haviam fabricado o bezerro; o padrão contra o qual, no paroxismo da exasperação, Moisés quebrou as Tábuas da Lei que com ele trazia; as fundações dos acampamentos dos filhos de Israel; a torrente que brotou do rochedo percutido com o bastão de Moisés; o lugar onde lhes «*choveu maná e codornizes*»; o vale onde se celebrou a Páscoa; o logradouro onde Moisés implantou o Tabernáculo e tantas outras fantásticas narrativas que ainda hoje percutem fundo nas raízes das nossas crenças, esperanças finais que nos restam para sermos levados aos Céus.

Do país de Géssen «*a melhor terra de todo o Egipto*», entre tantas coisas interessantes, ficamos a saber das fabulosas obras Ramsséssidas; como se velava pela manutenção da autoridade romana, dos tormentosos perigos das viagens, como se fazia a penosa travessia do deserto; como os lugares descritos na Bíblia, certificados pela leitura dos textos; «*in loco*», tinham exacta correspondência no que via.

De Pelúsio, a entrada oriental do Egipto, porta de acesso para a taciturnidade vasta e funda do deserto da Síria que, no dizer de Heródoto, «*é de uma aridez terrível*», também Egéria nos dá notícia. Pelúsio onde oito séculos antes, como narra o mesmo Autor, Psamético III, filho do grande Amásis, envolto no temor pressago da invasão persa, esperou Cambisses, filho de Ciro. Pelúsio onde os mercenários gregos e cários ao serviço do faraó, à vista de Farnes, o trânsfuga, lhes degolaram os filhos sobre um Krátes, deste bebendo o sangue daqueles, misturado com água, antes do início do combate. Pelúsio, povoada de fantasmas de tantos séculos, donde Heródoto nos conta o facto curioso, segundo o qual, no termo da crua batalha, a separação de ossos daqueles que caíram na luta se fez pelo seguinte método: os crâneos dos Persas eram tão frágeis que era suficiente bater-lhes com uma simples pedra para os furar; os dos Egípcios,

pelo contrário, eram de tal forma duros que – cito textualmente – «*só muito a custo se podiam partir à pedrada*».

Pelúcio donde Egéria nos diz ter partido, jornadeando por etapas, «*até atingir os confins da Palestina*».

De Heroópolis, – onde José, governador do Egipto, se encontrou com Jacob, seu pai, – dá-nos notícia Egéria dos sítios e das relíquias veneradas de mártires que visitou, (apeando-se das alimárias em que seguiam montados), para nós importantes oragos, mais tarde, de tantas das nossas paróquias – como Santo Elpídio, Santa Eufémia e S. Tomé.

É ainda pela mão de Egéria que somos levados a Tánis, rodeada de hortos e úberes almargeais, onde teria nascido Moisés e onde, de acordo com as tradições judaicas, se encontrava o túmulo de Jeremias; com ela fazemos a escalada do Monte Nebo onde Moisés por ordem divina teria subido para, na imobilidade do alto azul, avistar a terra de Canaã antes de morrer; através dela visitamos o lugar onde, no Jordão, os filhos de Israel vadearam o rio; Lívias, nas rochas de Moab e do Jordão, onde o grande patriarca terá escrito o «Livro do Deuteronomio» e onde durante quarenta dias terá sido amargamente chorado pelo seu povo; a fonte que brota do rochedo e que serviu a Moisés para dessedentar os filhos de Israel; o sepulcro de Job; Enom, o horto de S. João Baptista onde este no meio de um pomífero vergel administrava o baptismo; o vale do Jordão, a cidade de Elias; a montanha de Hermon onde Job ficou sepultado; a viagem à Mesopotânia; a travessia do Eufrates; Edessa, onde, entre aqueles que viviam junto dos sepulcros dos mártires, rezou junto ao túmulo do Apóstolo S. Tomé; a visita ao palácio do Rei Abgar e ao seu monumento funerário o qual, tendo escrito a Jesus, deste teria recebido pelo correio Ananias a carta apócrifa mas que aí se conservou – como nos relata Egéria – «*com grande veneração*», cuja versão para o vernáculo se encontra também na magnífica tradução do «*Itinerarium*».

E conta Egéria como, aquando da sua visita, ainda a porta por onde entrara Ananias, se encontrava atalaiada, a fim de que «*nenhum homem imundo*» pudesse transpor os seus sagrados umbrais.

Da actual cidade de Harrán nos conta Egéria que aí viveu Abraão garantindo que, conduzida por um bispo, visitou o poço do qual Rebeca tirou água para dar de beber aos camelos de Eleazar, o servo do Santo Abraão;

a caterva de monges que viviam no deserto, que pôde presenciar, quando visitou o túmulo de Santo Helpídio; o poço de Jacob; a visita a Selêucia, já na viagem de Antioquia a Constantinopla, onde, no visó da colina, distante cerca de 1500 passos em relação à cidade, se encontrava sobre numerosos mosteiros derramados pelas encostas do outeiro o túmulo de Santa Tegra, – Santa Tecla em Castelhana – e que a nós bracarenses tanto respeita. E com tal túmulo, de «*extraordinária beleza*», se encontrava dentro de uma igreja, «*rodeada de um grande muro*» que o protegesse dos Isaúrios, povo dedicado aos latrocínios. E como de tudo Egéria se certificou e verificou lendo, *in situ*, as «Actas de Santa Tecla», como de uso fazia, sempre que visitava um local santo. E não foi sem uma ponta de emoção que vim agora a saber que, na Calcedónia, também Egéria visitara o «*formosíssimo túmulo de Santa Eufêmia*»- a «*bem falante*», como em nota explicativa ensina o Dr. José Cardoso – cuja Santidade e subidos planos da Graça haveriam de, no dobrar dos séculos, ser acolhidos com venera lá no ninho de águias onde minha bisavó foi baptizada.

E eu que li e reli de Freud os ensaios que integram a obra *Moisés e a Religião Monoteísta* que para tanto se estribou fundamentalmente nas obras de Meyer, Rank e de Sellin hesito vivamente em admitir que aquele célebre Autor se tivesse abalançado a sustentar as conjecturas que defendeu se tivesse conhecido as narrações «*de visu*» contidas no Itinerário de Etéria e as fundas implicações que do seu relato derivam.

Mas é substancialmente no domínio dos actos litúrgicos e da sua observância que Egéria, no seu estilo narrativo-descritivo, primorosamente nos revela a densidade fundadora de um espaço e de um tempo que durante dezasseis séculos se interpenetram e coexistem, se fundem e miscegenam tão poderosamente que ainda hoje, na sua unidade discente, se constitui no crisol vivificante das nossas mais fundas crenças e esperanças finais de salvação.

É através do seu *Itinerarium* que, desses tempos longínquos e brumosos, ficamos a conhecer os ritos e as práticas observadas na liturgia do ano, os locais e os dias em que eram observados, os modos como se realizavam os ofícios do dia, as línguas usadas, as funções da noite e do dia, da luz, das vésperas e da aurora, do canto do galo; o lugar onde nos ofícios se encontrava o bispo, a posição dos diáconos, as reacções dos crentes e o modo como estes assistiam aos actos litúrgicos.

Por Egéria ficamos a saber os templos já então existentes, a conhecer as memórias dos que os precederam, a organização e função do clero e do monacato, o tempo de duração da Quaresma, os ofícios e salmodias da Semana Santa, as práticas que integravam a procissão do Domingo de Ramos (dia em que ao lucernário a procissão, cantando hinos, subia ao *In-bomon*, ou seja, ao estrado, pedestal ou túmulo, lugar donde o Senhor subiu aos Céus), as vigílias, os actos litúrgicos que ao tempo eram adoptados na Sexta-feira Santa, dia em que – como nos conta Egéria –, abalando todos os crentes a caminho do monte Sião, se orava «*junto à coluna à qual prenderam o Senhor e em que Ele foi flagelado*».

Era também neste dia, como se lê no *Itinerarium*, que sobre uma credência coberta com uma toalha de linho se colocava um relicário donde se retirava do seu interior o santo lenho que conjuntamente com a inscrição mencionada pelos evangelistas se exibiam sobre aquela.

E no seu relato pinturesco e crepitante de cor local diz-nos Egéria como o rito era preservado pelo bispo e diáconos a fim de que fiéis e catecúmenos apenas beijassem o santo lenho «*e fossem passando*» e não sucedesse de novo que alguém, como constava, impulsionado pelo fervor religioso, o «*mordiscasse e dele algo fosse furtado*».

Actos cultuais da Paixão, da Morte e da Ressurreição, o baptismo, a catequese, os ritos festivos do triunfo da Vida sobre a Morte, tudo encontramos com vasta profusão na obra egeriana que, explicando o presente, doravante, se há-de constituir em denso manancial de apreciação, estudo e de apreensão das raízes e dos símbolos onde se ancoram ainda as nossas mais vivas convicções.

Eis, então, talhada a escopro avulso e de lavra indouta a apreciação da obra e da sua nobilíssima tradução. Procurei alargar os círculos concêntricos que, ao tempo, lhe foram causa e valimento. Neste pender de consciência, neste apreender e saborear a viagem à proto-história da nossa consciência, ao memorial dos nossos abismos, das nossas convicções, dos nossos sentimentos e da nossa identidade portuguesa e europeia, guiou-me a sabedoria imensa do meu antigo Mestre que nos longínquos anos de 1961-62, com proficiência e exemplo, me ensinou, como a tantos outros, os primeiros passos nesse imenso lastro anímico, nessa funda biblioteca de sentimentos e de ser-se, que é a língua portuguesa.

Hoje, perdoe-se-me a bizzarria, para o bem ou para o mal, cumpriu-se, através de um antigo aluno, a finalidade última do múnus que é ser-se Professor: quem vaticinaria que no candil da consciência de um pimpolho esgalgado, saído das escorribandas agrestes do Oural, imerso ainda na teia miasmática da alta Idade Média, haveria de acender-se a chama votiva que o conduziria 37 anos depois à apresentação pública da obra do grande Mestre? Hoje que tudo se esvai na voragem do instante, o pedagogo, o exemplo edificante, em grandíssima medida, choradamente perderam-se. Tudo se objectivou, tudo se contratualizou; a perenidade do que somos dilui-se a ritmos crescentes. E só assumindo as raízes fortes da nossa troncalidade carnaz seremos capazes de fazer florescer entre mãos a vasta corporatura do nosso futuro.

Hoje gasta-se pouco do Estudo das Humanidades. E o Dr. José Cardoso bem é merecedor, numa das nossas Faculdades, do crédito de transmitir do seu alto conhecimento, o seu vastíssimo saber àqueles que, mergulhando nas raízes mais sãs da nossa lusitaneidade, sejam capazes de nos trazer para governo e ensinamento hodierno, as letras imensas com que, caminhando de longe, se revela a velhíssima alma portuguesa.

Não conheço quem, com tanto saber e competência, se tenha dedicado ao labor exigente do estudo do latim medieval; não conheço também quem melhor conheça a hagiografia dos nossos maiores que desde os tempos remotos do Baixo Império e da Alta Idade Média, procurou por entre o nevoeiro denso desses tempos recuados as mundividências e as acções que serviram de pedras fundadoras da nacionalidade e da nossa específica idiossincracia. Falo sem peias nem amarras e ao fazê-lo, eu digo-vos que o Dr. José Cardoso bem merecia, talvez como ninguém, o agraciamento comum pelo seu labor fecundo, que já conta com mais de quarenta anos dedicado à causa pública.

Hoje que não raras vezes se premeiam conumpções ou quem ainda não prestou provas; hoje que no mercado vasto da globalização proliferam tantos impostores intelectuais, afigura-se-me como indeclinável dever de consciência e de cidadania deixar aqui um chamamento sentido às autoridades públicas e aos nossos escassíssimos mecenas culturais para que olhem com gratidão um velho Mestre que, como muito poucos, nos soube revelar a polpa e o carnaz da nossa mais funda identidade.

A mim não competirá dissertar sobre aspectos de sumo interesse como os de apreciar a simbologia dos actos litúrgicos, o seu sentido e evolução; fixar o seu paralelismo e correspondência ou saber se as expressões e as frases usadas revelam ou não uma estrutura do latim corrente tardio usado na região galego-portuguesa; menos ainda vislumbrar afinidades existentes entre as estruturas gramaticais e frásicas do período em que a obra foi escrita e as que ao tempo eram próprias do galaico-português. Sou absolutamente incompetente para através desta apresentação tocar em assuntos de tão magna importância como os que respeitam à hermenêutica bíblica, à mística, à ascética, à apologética catequética, à liturgia bem como a tantíssimos outros aspectos da vida social, cultural e religiosa de que o *Itinerarium* é úbere cornucópia. Por isso deles me abstenho de falar. Não fosse aqui dar-se o caso relatado no *Livro dos Reis* quando, no Monte Horeb, Deus falou ao profeta: «*Quid tu hic Helias*»?

Mas a obra riquíssimo manancial de acesso a outros mundos e a outras consciências, iluminada agora pela graça do vernáculo da língua portuguesa, exumada do húmus fértil da proto-portugalidade, há-de permanecer para sempre como um desses graníticos marcos miliários fincados no dobar dos séculos, atlante imenso, afinal, escorando no seu emergir a velhíssima, inconsútil, e sempre amada alma portuguesa.

Notas

¹ EGÉRIA - *Peregrinação aos Lugares Santos do Médio Oriente (do ano 381 ao ano 384)*, tradução de José Cardoso. Braga: APPACDM, 1999.